

DE CONFLITO ARMADO A AIDS, VISÃO FEMININA DE RONIT MATALON

Nancy Rozenchan – USP

Em se tratando da literatura hebraica, e dado o título desta comunicação, torna-se dispensável esclarecer de que conflito se trata. Alguns dados básicos sobre Ronit Matalon e traços históricos servirão para apontar certos elementos desta fala. Em primeiro lugar, Matalon, escritora de sucesso, nascida em 1959, em Israel, filha de uma família proveniente do Egito, formada em literatura e filosofia, atua como jornalista, autora de dois romances apenas, uma coletânea de contos e um livro infantil. Já no primeiro romance, *O que está voltado para nós*, de 1995, traduzido para várias línguas, obteve grande repercussão. Aqui o enfoque será no segundo romance, *Sara Sara*, de 2000, e que, na versão em inglês, se chama *Bliss*, publicado em 2003. No pano de fundo de parte do enredo que é construído em dois focos, ecos da Intifada, que não é abordada de forma direta. Esta luta dos palestinos que, na etapa atual já tem seis anos, é fator preponderante na vida israelense.

É de conhecimento comum que a literatura é, algumas vezes, lenta em responder a eventos políticos ou mesmo catastróficos e, quando é rápida em fazê-lo, a resposta pode ser plana, achatada, muito política e, com freqüência, melhor colocada sob a rubrica de cultura popular do que de uma literatura de elite canônica. É preciso avaliar como a literatura reage a uma situação política que segue em processo continuado, quando os seus escritores o declaram como catastrófico ou, ao menos, desastroso.

À nossa grande distância soa estranho que questão tão complexa e dolorosa para ambos os lados não tenha se refletido de forma intensa e marcante na literatura hebraica. A penetração deste tema na literatura, sempre de forma indireta e no pano de fundo apenas, foi muito lenta. Levando em conta somente autores muito conhecidos, verifica-se que escritoras aparentemente têm se furtado menos a este assunto. Em tradução ao português, o tema somente apareceu em *Partes Humanas*, de Orly Castel-Bloom, publicado em 2004. No livro de Matalon, ele também está presente, porém em nenhum dos dois casos é tema central ou da linha de frente, ainda que os afete muito. A história das mulheres, seu modo

de ser, são o assunto principal ante a estrutura bastante complexa da sociedade israelense contemporânea. Para entendê-la e às tramas de Matalon, o conhecimento de alguns traços históricos é essencial.

O sionismo, movimento que propugnou a volta e estabelecimento dos judeus no antigo solo bíblico, procurou construir em Israel no século XX uma cultura judaica nova e uniforme. A população judaica, proveniente de diversas partes do mundo, com traços culturais por vezes diametralmente opostos, foi instada a unificar-se segundo o modelo de um cadinho particularmente efetivo e opressor, sendo que os elementos fundamentais que guiaram a cultura hegemônica do país durante várias décadas do século passado foram que Israel é a nação-estado do povo judeu e que este deve ser secular, moderno, ocidental, e praticar uma rígida ética fundamentada na tradição bíblica e obras posteriores. Esta hegemonia começou a perder força na década de 70, depois da Guerra dos Seis Dias, em que as dimensões do país se ampliaram abrangendo uma grande população árabe. Esta guerra e respectivas conseqüências levariam a crises e reavaliações sobre a moralidade de ações derivadas dela. Ocorreram mudanças fundamentais na condução política do país e ele tornou-se um estado multicultural que, desde então, enfrentou disputas culturais multidimensionais. Para esclarecer isto convém mencionar, por exemplo, como o historiador Baruch Kimmerling identifica esta sociedade, discernindo sete grupos culturais que compõem a população israelense: a classe média secular, o grupo nacional-religioso, o grupo ultra-ortodoxo, o grupo sefardita tradicionalista, a comunidade árabe israelense que pode ser muçulmana, cristã ou drusa, os imigrantes da antiga União Soviética e os etíopes, ao lado de uma população árabe nos territórios ocupados.

Quando a hegemonia do grupo secular judaico da classe média acabou, esta camada perdeu o seu papel monopolizador de construtor do padrão da cultura israelense e a predominância de determinar as regras do jogo de acordo com as quais o governo devia se conduzir. Pode-se falar hoje de uma situação de setorialismo em que as opiniões e situações são cambiantes dentro de cada grupo e, é lógico, divergente em relação às grandes questões do país.

Na transição da hegemonia para o multiculturalismo, os grupos que antes estavam colocados nas margens da sociedade israelense, adquiriram novas forças, o equilíbrio nas relações entre as diversas facções tornou-se cambiante e, ainda, os grupos, menos estanques. É interessante frisar, em que pesem todas as mudanças, que é ainda é uma classe média secular que traça as diretrizes da economia, mídia e da academia. No livro de Matalon, em que várias destas idiossincrasias estão presentes, elas se defrontam ante dois pólos diferentes da violência do mundo contemporâneo: aquele representado pela Intifada e o que tem na Aids a sua forma de expressão.

O romance *Sara Sara* de Ronit Matalon é elaborado por meio de muitas camadas e assuntos, todos muito bem desenvolvidos; encontra-se nele uma camada psicológico-pessoal, uma social-política e uma filosófico-teológica.

Na camada psicológica, é um romance de dois amores e duas despedidas, uma é a história de amor de Ofri, personagem narradora do romance, e Sara, a fotógrafa e ativista de esquerda. Esta relação de amor se estende por vinte anos, desde a adolescência, e aparentemente chega ao fim no final do enredo. É também a história de amor de Sara e de Marwan, um jovem árabe de Shfar'am, e a história do casamento dela com Udi, um jovem israelense. Todas estas relações avançam em direção a um ponto de crise que é o fim do romance e o seu início, já que ele é narrado em flash-backs. Deve-se acrescentar, para fins de identificação, que a família de Sara é ashquenásita, goza de posição econômico-social cômoda, e Ofri é sefardita, com nível sócio-econômico mais baixo.

Na camada social, a história de Sara transcorre em sua maior parte sobre um pano de fundo de Tel Aviv, e estende-se dos anos 80 até metade dos anos 90, o período da Intifada e início das negociações de paz. Sara trabalha como fotógrafa em um jornal e também faz fotografias particulares que acumula em um arquivo, em que se destacam fotos de figuras dormindo em Gaza; ela entra em contato diário com palestinos e então pode retransmitir os horrores da ocupação. Pelas fotografias ela tenta encontrar alguma verdade, mas não as expõe. Talvez sejam elas que a representem e indiquem a busca preocupada que faz no decorrer do romance. Sara, a história do seu casamento e maternidade

representam também uma parcela da população israelense, de jovens, de esquerda, laicos. A outra parte do romance centra-se na parcela francesa da família de Ofri. A narrativa é feita na voz de Ofri, a parte menos representativa dentre as duas mulheres, que justamente pela sua posição não-predominante, está mais disponível para retornar aos diversos eventos, repeti-los na tentativa de procurar entendê-los.

Na camada psicológico-pessoal sobressaem-se os gêneros de identidade sexual na história das mulheres, e em especial da narradora, Ofri, cujo amor e dedicação a Sara dão a idéia de um amor lésbico, mesmo que reprimido, e do primo de Ofri, Michel, homossexual declarado, que morreu de Aids. Tanto a discussão sobre a identidade sexual de Michel e como a de Ofri trazem à mente uma busca de identidade e sentido que extrapolam a própria questão sexual.

Michel pertence ao ramo francês da família de Ofri, originária em parte do Egito; a história desta família francês-judaica ocupa um lugar central e importante no romance. Ofri e a mãe viajam para o enterro de Michel, e o que acontece no enterro e após ele, na casa da família numa cidadezinha francesa, é descrito em detalhes. Se lêssemos a história apenas como um relato de dois amores e duas separações, o trecho francês poderia representar uma espécie de elemento estranho no romance; porém, quando se examina *Sara Sara* como um livro que se ocupa da situação do judaísmo atual, em Israel e fora dele, em particular ante as violências com que é obrigado a se confrontar, não resta dúvida sobre a integralidade e importância da cena francesa no romance.

Há ainda a história do amor obsessivo de Sara por Marwan que representa um pouco algo da crítica ao amor cego, por vezes, de gente da esquerda em Israel pelos árabes que vivem entre eles, em particular ante os eventos da Intifada. Sara está atraída por Marwan de forma muito intensa. O rapaz, convenientemente bem mais jovem, indício claro do tipo de relacionamento desnivelado sugerido, semelhante ao nível público de relações israelense-palestinos, uma materialização erótica do conflito entre os dois povos, de sua parte, não é capaz de apreciar este amor. Submete-se a ele e, simultaneamente, teme-o e o rejeita. Nesta história de amor de Sara e Marwan, Ronit Matalon coloca em prova crítica a

romantização do personagem do árabe, freqüente na esquerda israelense, e uma indecisão característica dos árabes israelenses e os palestinos em sua desvinculação com a realidade; Marwan, chamado no livro de “o menino”, é um estudante jovem e confuso, que se torna ator fracassado de teatro e, em continuidade, um político local sem importância.

Uma outra vertente do mundo judaico atual, a que se espalha por muitos países, também está presente no romance. Há uma posição crítica também na cena francesa, ao se reunirem os membros da família de Ofri para o enterro de Michel, que é uma sátira filosófico-teológica. Michel, que morreu de Aids, pede no testamento que o seu corpo seja cremado na presença de um rabino ortodoxo e que as cinzas sejam espalhadas na natureza. Naturalmente nenhum rabino assim concorda em realizar a cerimônia contrária aos princípios básicos do judaísmo, e mesmo o rabino reformista que vem não permanece nela até o fim. O pai de Michel, Henry, judeu laico sobrevivente da Shoá da II Guerra, tenta cumprir alguns preceitos de luto judaico tradicional. Ante o fato da morte, judeus laicos tentam se vincular de alguma forma ao legado ou à tradição judaica. Mas sequer conseguem cumprir os preceitos. Por exemplo, os ovos duros que devem ser consumidos pelos enlutados como expressão do hábito judaico de comer alimentos redondos, nestas circunstâncias são devorados às escondidas por um primo faminto. E, em geral, destaca-se a ocupação intensiva, quase obsessiva com comida, com o alimentar, na tentativa de encher e encher-se. Estas tentativas não dão certo e são aqui apresentadas sob uma luz satírica, engraçada e dolorosa. Este mesmo tom domina um motivo fortuito relacionado à morte de Michel: não é a Aids que é abordada, nem é o companheiro que o infectou, o homossexualismo que aproximou os dois homens não é tratado; o foco volta-se para a gata Lilly, que o contaminou com uma doença felina, e é contra ela que acaba se voltando a ira de um primo que a mata de forma cruel e violenta, com a presença e a convivência da narradora, na penúltima página do livro. A última frase, poucas linhas depois, aparentemente sem ligação com tudo, mas, sem dúvida, reveladora e conclusiva em relação aos dois universos judaicos e, principalmente, com o israelense, é a informação de que Rabin, o primeiro-ministro, havia sido morto. As duas mortes estúpidas, em que as duas

vítimas, a gata e Rabin, não são as responsáveis principais pelas situações de violência e catástrofe que servem de pano de fundo às duas partes do enredo, a Intifada e a Aids, equiparam a cegueira com que ambas as situações são referidas pelos respectivos actantes.

Realmente, é possível ler nesta parte do romance uma descrição da perplexidade espiritual e prática de judeus de diversos tipos de nossa época, uma perplexidade e confusão cuja origem está na perda de relação com o legado judaico e na incapacidade de enxergar as verdadeiras causas que levaram às degenerescências das respectivas situações. Na esteira disto, o amor entre pessoas é apontado como passageiro, como testemunham as descrições dos relacionamentos que se desfazem no livro: os vinte anos de amizade entre Ofri, a narradora, e Sara, o relacionamento de Sara e Marwan e o casamento de Sara e Udi.

O enredo francês e o enredo israelense parecem paralelos: o francês apresenta a dimensão particular, privada, da família, e o israelense, a política, e ambos juntos mapeiam a morte e a violência das perspectivas paralelas e se completam. E daqui, é possível continuar e tecer esta estrutura análoga e mostrar como o próprio enredo francês acompanha a história particular da família com a história nacional judaica e, de forma semelhante a isto, também o enredo israelense pode ser desmembrado em dois componentes paralelos: a família israelense de Tel Aviv que está se desfazendo, é um paralelo ao esfacelamento moral da sociedade israelense no período da Intifada.

E daqui há somente um passo para o mecanismo narrativo ramificado que faz uso da estrutura paralela do individual e do político, do particular e o público, a fim de situar nela os personagens que atuam como representantes pessoais de identidades sociais: o contraste entre a família israelense e a família judaica é como um contraste entre Israel e a diáspora. Parece que todo este esquema espiritual e político deve propor uma rede narrativa com cuja ajuda estão documentados os dilemas morais que a realidade israelense desperta enquanto na realidade diaspórica a degeneração parece gerada por fatos que absolutamente estão desvinculados da vontade humana.

Tudo isto realmente existe no romance e goza, na pena de Matalon, de uma formulação brilhante e consolidada, que estabelece estruturas exatas e ramificadas, como, por exemplo, a estrutura simétrica dos triângulos românticos que de modo paralelo conseguem, por exemplo, formular com muita exatidão a identidade das relações entre Ofri e Sara como um sistema indefinido entre heterossexualidade e lesbianismo, indefinido, mas ao mesmo tempo exato; atenta a toda nuance sem se prender em estruturas pré-fixadas de sexualidade.

Matalon colocou no romance uma estrutura literária sem precedentes na literatura israelense, de confronto com a obsessão das identidades que acompanha esta escrita há muitos anos a partir da tentativa de liberar o tratamento da dinâmica de identidades da questão da localização étnica, nacional, sexual, de gênero e de classe, além de uma compreensão profunda, que proponha uma anatomia exata dos caminhos em que o conflituoso e o violento particular e íntimo se transforma em uma questão geral, pública. O romance alinha um olhar em direção a este ponto de ligação entre o particular e o público. Aparentemente, a violência geral retorna e é apresentada como um sintoma, testemunho, de algo profundo,

A violência é o momento em que as pessoas não têm mais força para olhar para o próximo, de prestar atenção para a sua localização muito exata, chamá-lo na sua diversidade muito específica, e assumir responsabilidade. Este é um romance que expressa um protesto moral e político, mas de modo algum não facilita para si o trabalho com a ajuda de uma descrição da situação política e moral apoiando-se num mapeamento nítido de quem está contra quem, quem merece e quem não, quem oprime e quem é oprimido, quem é mau e quem é bom, quem tem autoridade para julgar e quem não. Ao invés, o romance avalia repetidamente uma formulação exata, de como é que isto ocorre, aponta tropeços, abandono da moralidade, as cegueiras durante as quais irrompe a violência como uma espécie de solução para a relação entre pessoas.

Assim é também o golpe da Aids. Em oposição à aparência que pode, por paralelismo, apresentar a Aids como uma metáfora ampla para a brutalidade geral em que

vivemos, o romance sugere pela voz de Ofri um detalhamento do contato físico de Michel com seu companheiro, um contato sexual que abrangeu a cegueira, já que preferiu não saber da identidade e situação do mesmo. A cegueira de Michel, que se revela fatal para ele mesmo, surge como uma espécie de vontade de liberar-se da responsabilidade e do desejo de não olhar ou enxergar.

O romance de Matalon efetua repetidamente e com meticulosidade a análise que sugere para a violência, por meio de um tipo de *patos* moral. Os habitantes de Gaza, os fotografados, oprimidos pelo domínio israelense na região, são apenas os retratos das “pessoas adormecidas em Gaza, em posições diversas, em espaços diversos, dentro ou fora das casas, homens, mulheres, soldados, anciões, doentes no hospital, crianças; sozinhas ou juntas” (p. 18).

A violência é encontrada quando é impossível vê-la num olhar direto, pelo olho desarmado. A violência é aquilo que não se quer ver. Sara, ao fotografar, concretiza de uma só vez o potencial moral da fotografia que documenta tanto o seu potencial violento, como a representação fotografada da Intifada, que possibilita tanto o evitar como o mostrar o olhar sobre ele. E Udi, que não está interessado em olhar, considera as fotografias que Sara tirou das pessoas dormindo em Gaza o auge da chatice.

Matalon realizou uma desconstrução politicamente motivada do olhar israelense e, “por tabela”, também do judaísmo fora de Israel.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

KIMMERLING, Baruch. *Mehagrim, mityashvim, yelidim*. Tel Aviv, Am Oved, 2004.
MATALON, Ronit. *Sara, Sara*. Tel Aviv, Am Oved, 2000.